



# UMA PALMA DO CHÃO

PAULO RAMON \*

Tenho no presente tudo o que desejo, tudo o que necessito. O consolo das pessoas simples, as suas necessidades. A aceitação de eventos lúdicos, a força de chãos integrados. A unidade de todos os blocos, a beleza das coisas estranhas. O abrigo das coisas simples - e o estômago das outras.

Às vezes é preciso deixar de ser aquilo que eu penso que sou, aquilo que detesto e por isso incorporo, ou compenso, ou equilíbrio, ou nos devoram.

Hoje me uni a tudo aquilo que eu detestava. Compreendi um limite. Em pouco tempo observei que eram muitos.

Alguns caminhos pareciam transparentes.

Ali onde minha cabeça pendia para um lado. No canto onde morava a vida do povo.

Minha mãe, que tanto me diversificava, me enchia de cores vibrantes e diversas,

introduzia-me em canções coloridas e brilhantes.

Precisávamos de um grande olho, de um Deus imenso e faminto, de uma compreensão que não podia ser contada, prevista ou acabada. Era inacreditável e incontável a gratidão de algumas vidas simples que aqui viviam e diziam pedir para vir e aqui viver.

Existia uma vontade lancinante e considerável de libertação de todas as estéticas.

As vontades de um Deus-favela. Eu amava aquela vontade de mudar as coisas; algumas condições. Às vezes eu sentia uma fé embriagada. Enroscava-me nas novelas da cidade - erguendo a casa na cabeça.

Parar é uma obra de arte distraída, uma canção escandalosa.

---

\* Artista-pesquisador na área de Artes Cênicas, especialmente em dança e teatro. Doutorando em Literatura. Mestre e Licenciado em Teatro. Email: pauloramons@gmail.com